

Apresentação – Linguística Estudo do Significado

Jorge Campos da Costa¹, Ernie Lepore², Stéphane Dias³, Gabriela Fontana Abs da Cruz⁴

¹ Doutor em Linguística e professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
E-mail: jcampos@pucrs.br

² Doutor em Filosofia, Board of Governors Professor da Rutgers University, Diretor em exercício do Rutgers Center for Cognitive Science (Estados Unidos).
E-mail: lepore@ruccs.rutgers.edu

³ Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/CNPq) e 2014-2015 Fulbright-Capes Visiting Research Student – RuCCS – Rutgers University (Estados Unidos).
E-mail: stephanerdias@gmail.com

⁴ Doutoranda em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Restinga.
E-mail: gabriela.abs@gmail.com

O número 1 do volume 9 da revista **Letrônica** traz como tema o estudo do significado. A pesquisa sobre os processos de significação constitui-se domínio interdisciplinar, em que Linguística, Filosofia/Lógica, Comunicação, Ciências da Computação, Matemática e Ciências Cognitivas interagem e fazem avançar os fundamentos, métodos e aplicações na área. Dentro da disciplina linguística, e em interface com outras áreas, mais de uma subdisciplina tem historicamente tratado do significado linguístico, quais sejam: semântica, pragmática, estudos do texto, do discurso e do diálogo (esses últimos dentro da perspectiva da *linguística* textual, da enunciação ou ainda do discurso ou diálogo, em que a teoria linguística se foca em objetos teóricos relacionados ao uso da linguagem na comunicação, para além de um foco na organização interna de uma gramática natural).

Tais domínios teóricos se originaram de uma tradição semiótica, norte-americana, ou semiológica, europeia, em que a primeira tem como base uma teoria do conhecimento (considerando-se a descrição de conceitos e de suas relações, ao representar estados de coisas no mundo para um agente ou em relação a um modelo de interpretação) e, a segunda, uma teoria da comunicação (tendo em vista uma descrição dos mecanismos de uso da linguagem e de suas possibilidades de organização e de expressão na estrutura ou na *psique* social). Em cada uma dessas disciplinas, há diferentes propostas teórico-metodológicas ou ramificações, cujas origens estão relacionadas a outras áreas do conhecimento, como Sociologia (por ex., metodologia marxista), Matemática (por ex., teoria dos conjuntos), Psicologia (por ex., teoria dos modelos mentais) ou Neurociência (por ex., perspectivas pautadas na observação de redes neurais, áreas e funções cerebrais, e respectivos métodos de observação).

Nesse sentido, o significado tem sido abordado por perspectivas *internalistas* e *externalistas*, ou seja, ora pautando-se pela posição de que conceitos e, mais especificamente, estruturas linguísticas são determinadas por estruturas cognitivas e seus mecanismos; ora pela posição de que a língua, os conceitos e os significados são centralmente dependentes de condições externas ao indivíduo ou de relações deste com o ambiente.

É relevante mencionar que estudar o significado linguístico não envolve necessariamente o estudo de fenômenos comunicativos. A análise de construções linguísticas *com sentido* ou ainda *com sentido completo*, descrevendo um estado de coisas como ocorrendo ou não, pode ser encontrada em modelos que não contemplam conceitos como *falante*, *ouvinte* e demais elementos comunicativos ou do discurso. No entanto, mesmo nesses modelos, estruturas informacionais podem ser requeridas para que uma sentença tenha condições de ser interpretada como verdadeira ou falsa. Mais precisamente, há uma linha de estudos, a *semântica formal*, que se interessa em descrever as condições necessárias para que uma dada sentença, contendo um determinado conjunto de itens lexicais combinados em um arranjo e com referentes especificados, seja avaliada como uma *proposição completa*. Nesse caso, interessa a boa-formação sintática, em uma relação em que o significado do todo é determinado pelo significado das partes. Referência, verdade e modelos de contexto são noções centrais nessa linha de *filosofia da linguagem ideal* (cf. MIGUENS, 2007).

No âmbito comunicativo, as condições de sentido para que se possa atribuir significado a uma estrutura são interpretadas como igualmente dependentes de valores, sendo eles atribuídos na interação. A *filosofia da linguagem ordinária*, alavancada pelo segundo Wittgenstein, por Strawson, Austin, Searle e sobretudo Grice, entre outros, procura avaliar o significado enquanto representação mental interpretada por falantes em contextos ordinários de uso da linguagem (o que Strawson chama de teorias “communication-intention”).

Tendo em vista a direção teórica dos artigos que compõem o presente número, faz-se pertinente alguns apontamentos sobre as correntes de pensamento a serem destacadas, a fim de melhor contextualizar nosso leitor. O leitor pode já ter observado que nossa introdução trouxe mais perspectivas do que as efetivamente contempladas nos artigos desta edição; tivemos como intuito registrar as muitas direções da pesquisa internacional na área. Os textos aqui presentes talvez sejam representativos das linhas teóricas sobre o tema em âmbito nacional, mas registra-se que existem outras correntes, igualmente tradicionais, a respeito dos estudos do significado. Os trabalhos contemplados neste volume resultam, em parte, do desenvolvimento de duas grandes tradições dos estudos do significado anteriormente mencionadas: a semiótica e a semiológica.

A *semiologia* foi defendida pelos estruturalistas europeus, tendo em Saussure seu expoente maior, como uma teoria geral dos signos, este tomado enquanto unidade portadora de significado ou interpretável. A Linguística, apontada no

Cours, seria, assim, a disciplina encarregada de estudar *o sistema linguístico*, em seus elementos e relações, ficando a cargo do psicólogo o estudo do *mecanismo do signo no indivíduo*. O linguista abordaria o signo linguístico a partir das associações de informação internas ao sistema, representadas pelo coletivo de falantes da língua. O signo linguístico não ligaria UMA COISA a UM NOME, mas um CONCEITO, seu significado, a uma IMAGEM ACÚSTICA, seu significante.

Segundo essa perspectiva semiológica que se consolidaria, o signo é uma entidade de natureza social. Ao linguista, novamente, caberia o estudo do fenômeno social *língua*; e, ao psicólogo, de sua apreensão pelo indivíduo.

Figura 1 – Signo 'Cadeira'
(signo linguístico e signo visual ou icônico)



Fonte: <http://www.botecodesign.org/2009/06/18/cadeira-tipografica/>

Dado o signo linguístico 'chair' (Fig. 1), temos a parte material do signo, em sua *representação fonológica* (o seu *significante*), e a *representação conceitual* evocada na mente dos falantes (o seu *significado*).

Por sua vez, a corrente semiótica, tal qual desenvolvida por Charles Sanders Peirce no século XIX nos EUA (relacionando o que ficaria compreendido como o trabalho do psicólogo e do linguista na interpretação semiológica), foca-se precisamente no processo representativo, considerando categorias de experiência e de pensamento. O processo de interpretação leva a níveis de significação, em que percepção e raciocínio são elementos centrais. Aqui, o significado subjaz a qualquer processo de representação, quer seja em contexto comunicativo ou não.

O conceito de representação permeará modelos pragmáticos de base cognitivo-social, como veremos em artigos do presente volume. De modo central, o significado em linguagem natural estará relacionado, em alguns modelos teóricos, com a natureza da mente, ou ainda com um conjunto de parâmetros de racionalidade, ligados à filosofia grega. Desta linha, destacam-se propostas como a de Grice, que se foca em uma interpretação racional do significado das estruturas linguísticas (significado natural) e de seu uso comunicativo intencional (significado não natural); a de Searle, que atrela seu desenvolvimento da Teoria dos Atos de Fala, de Austin, a uma teoria da intencionalidade da mente; e a de Sperber e Wilson,

que trabalha com uma pragmática cognitiva, em que a gramática linguística restringe as representações a serem inferidas pelo ouvinte com base em uma leitura de intenções. O contexto, desse modo, está relacionado ao ambiente cognitivo dos interlocutores, que fazem uso de um dispositivo natural da mente para a interpretação dos enunciados.

Advindas da tradição estruturalista, críticas a uma linguística/filosofia que não privilegiavam o *status* teórico de locutor e de *aparelho formal da enunciação*, como explorou Benveniste, são levantadas. Émile Benveniste (1902-1976) é o grande nome dentro do que vem a se consolidar como *linguística da enunciação*. Através de sua teoria enunciativa, “os temas da subjetividade/intersubjetividade, da referência, da significação, da relação universal/particular tomam outras proporções” (FLORES; ENDRUWEIT, 2012, p. 197).

Nesse contexto, e na relação com modelos de análise da sociedade de cunho econômico e sociológico, teremos uma abordagem do significado discursivo atrelado a relações de poder, à vida prática e à organização da sociedade. Assim, paralelamente a abordagens da enunciação, e também de tradição francesa, destacam-se estudos sustentados em “certos princípios sobre a relação língua/sujeito/história ou, mais propriamente, sobre a relação língua/ideologia, tendo o discurso como lugar de observação dessa relação” (ORLANDI, 2003, p. 2). Michel Pêcheux (1938-1983), filósofo francês, foi um dos líderes da área. A partir da caracterização saussureana de língua enquanto entidade social, tais estudos passam a relacionar “a língua e a exterioridade, a língua e a ideologia, a ideologia e o inconsciente” (ORLANDI, 2003, p. 3).

Assim, fruto de diferentes tradições e/ou interpretações sobre a direção dos estudos da linguagem, temos, de um lado, uma abordagem do significado cujo foco está nos estados internos da mente/cérebro dos indivíduos e no uso racional do mecanismo representativo, bem como nas “relações entre palavras e o mundo físico” ou conceitual; de outro, tem-se o foco em um sujeito de discurso ou enunciador, cujo comportamento reflete mecanismos de uso da linguagem e relações sociais determinantes de sentidos.

Por fim, salienta-se a existência de um debate no campo da semântica e da pragmática, uma ramificação contextualista de análise do conteúdo de sentenças, segundo a qual o significado semântico é dependente de informações pragmáticas ou contextuais, ou seja, apenas *enunciados* teriam conteúdo proposicional completo; e uma tradição minimalista, que defende a existência de um conteúdo proposicional completo independente de variações contextuais, ainda no nível da sentença (cf. VICENTE e MARTÍNEZ-MANRIQUE, 2010; CAPPELEN e LEPORE, 2005).

Outras abordagens do significado também emergem no cenário de pesquisa, mas procuramos mapear o aparato teórico a ser destacado nos artigos desta edição.

Oriundos de diferentes linhas teóricas, os trabalhos aqui elencados representam tópicos sobre os processos de significação, especialmente na interface semântico-pragmática. Mais precisamente, eles representam estudos com enfoque

no uso social da linguagem. O roteiro teórico é constituído de conexões entre esquemas semânticos e usos da língua, sem que haja um eixo comum ou priorização de teorias. São trazidos autores clássicos, desde Saussure, Sperber e Wilson e Recanati, e relações sobre discurso, enunciação e metas, em situações distintas de uso da linguagem. Nesse contexto, emergem os aspectos de reflexão pessoal que caracteriza cada trabalho.

A ordem dos artigos segue uma certa cronologia teórica. Começaremos com um texto que discute a importância do *aspecto fônico* para os estudos saussurianos, e, na sequência, traremos um trabalho que prioriza a noção de *interação social*, conforme apontada por Goffman (1989) e de *contexto*, presente em Geertz (1989) e Van Dijk (2011/2012). Traremos, a seguir, um texto cujo foco é *o ato de ironizar* (BALLART, 1991); e, após, uma discussão acerca do trabalho de Recanati (1991; 2004; 2010) sobre *contextualismo semântico*. Logo na sequência, teremos um texto que explora a perspectiva teórico-metodológica da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002) quanto ao fenômeno de *nomeação*. Para finalizar, apresentaremos um trabalho que traz a perspectiva pragmática relevantista (SPERBER; WILSON, 1986/1995) na relação com o *humor* (SANTOS, 2014), bem como um trabalho que explora a Teoria de Conciliação de Metas, de Rauen (2014), na relação com a Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson (1986/1995), para caracterizar uma cadeia inferencial no contexto de interpretação do texto da Lei Maria da Penha.

Procederemos, agora, a uma apresentação mais detalhada de cada artigo, em sua ideia central e seus principais argumentos, a fim de destacar a contribuição de cada autor para o cenário de pesquisa inicialmente exposto.

O artigo **A materialidade significante da língua segundo Saussure: do som ao signo**, de Larissa Schmitz Hainzenreder, defende que a materialidade significante seja o centro da reflexão linguística nos estudos saussurianos. Para tanto, a autora discute a importância do aspecto fônico nesses estudos, evidenciando que o cerne do problema é a separação metodológica entre *língua* e *fala*, a qual ocultou o estatuto teórico do som, assim como o do falante e de sua relação com a língua. Ao realizar a releitura do *Curso de Linguística Geral*, levando em consideração os *Escritos de Linguística Geral*, a autora mostra que toda a tentativa de Saussure de definir o significante, seja a partir de *imagem acústica*, de *figura vocal* ou de *forma*, leva à própria definição de língua. A forma é definida pela noção de valor, isto é, pela diferença com outras formas, e não indica um significado preciso, mas sim efeitos de sentido. A delimitação das formas tem relação com a consciência do falante e com a associação a uma significação, e essa possibilidade de integração entre forma e sentido leva à constituição do falante. Sendo assim, a autora sugere que a natureza do significante seja o motivo que situe a língua, separadamente, entre os estudos semiológicos e esteja no princípio da constituição do sujeito falante.

Significados Negociados, de Aline Sapiezinskas, é um artigo que propõe uma reflexão sobre o significado através da interface entre a *antropologia social* e a *linguística*. Nessa perspectiva, a autora combina a abordagem etnográfica com a

abordagem da Análise do Discurso, centrando-se nos conceitos de *interação social* e de *contexto*, para analisar dados de pesquisa observacional com funcionários da Secretaria do Trabalho do Governo do Distrito Federal, obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. A partir do diálogo com uma funcionária, a autora mostra como ocorreu o processo de negociação de significados durante a interação. Esses significados revelaram-se um ponto de equilíbrio entre a lei imposta pelo governo federal e o modo como ela é compreendida e executada no dia a dia, o que sugere dinâmicas de poder características da negociação e da disputa pela determinação do significado em um contexto burocrático.

María Eugenia Flores Treviño, em **Atenuación e intensificación en el macro acto de ironizar en entrevistas orales**, analisa, a partir da interface entre a *pragmática* e a *análise do discurso*, as estratégias atenuadoras e intensificadoras referentes ao ato de ironizar, em uma mostra de doze entrevistas em uma cidade do noroeste do México. A autora encontrou 92 ocorrências desse ato linguístico-discursivo e, nelas, as categorias pragmáticas de atenuação e de intensificação. Os resultados apontam para uma alta frequência de manifestações da atenuação na construção da ironia, seguidas pela intensificação, pela junção desses dois tipos e, por fim, com baixíssima frequência, por estruturas sem atenuação. A autora também apresenta alguns recursos, estratégias e funções referentes ao emprego dessas categorias na ironia; porém admite a necessidade de ampliação da amostra a ser analisada, assim como de um estudo mais aprofundado acerca de fatores estruturais, enunciativos e situacionais.

O artigo **O contextualismo semântico na filosofia da linguagem de François Recanati**, de Giuseppe Veraschin, trata da discussão filosófica sobre a função do contexto na teoria semântica, a partir do ponto de vista de François Recanati, filósofo francês. Os contextualistas defendem que a significação que atribuímos a enunciados necessita de determinadas informações contextuais por vezes não exigidas em regras exclusivamente linguísticas. Dessa forma, Veraschin apresenta alguns dos argumentos e das consequências das hipóteses de Recanati para a teoria linguística, dando ênfase à importância da modulação. Esse fenômeno consiste em uma função pragmaticamente selecionada, que visa a tornar as condições de verdade de um enunciado adequadas ou relevantes às situações em que os falantes estão inseridos. Nesse sentido, a modulação é guiada pelo contexto, pois este contribui, de alguma forma, para o enunciado, influenciando o que é dito. Para finalizar, o autor afirma que são duas as funções do linguísta diante das reflexões propostas no artigo: verificar se as considerações de Recanati sobre os exemplos linguísticos se sustentam e tentar criar um modelo que dê conta de como as informações contextuais são conscritas no desenvolvimento da composição semântica.

De Domingos Jorge Velho a Zumbi dos Palmares: uma análise semântico-enunciativa da nomeação e da renomeação de uma rua, de Anderson Braga do Carmo, traz uma reflexão acerca da nomeação e da renomeação de uma rua na cidade de São José do Rio Preto, no estado de São Paulo, a partir do estudo da enunciação, mais especificamente da

Semântica do Acontecimento. A Rua Domingos Jorge Velho, como foi primeiramente denominada, passou a ser chamada de Rua Zumbi dos Palmares, o que motivou o autor a buscar justificativas que levaram à significação e à ressignificação dessa rua, atribuindo-lhe existência histórica. A partir da análise dos processos de nomeação da via, Carmo aponta que o nome Domingos Jorge Velho foi escolhido pelo fato de este ter sido um dos bandeirantes responsáveis pela “ampliação” do Brasil colonial. No entanto, o argumento para a renomeação dessa via é o silenciamento de que essa pessoa foi uma assassina da comunidade negra e a destruidora do Quilombo dos Palmares. Assim, o nome Zumbi dos Palmares é marcado pelo memorável dos direitos humanos e indica que a forma de significação dos espaços está relacionada, de acordo com o autor, a “espaços simbólicos e políticos”.

A partir da perspectiva da Teoria da Relevância, Sebastião Lourenço dos Santos, em seu artigo **A irreduzibilidade da intenção como input do significado humorístico na piada**, descreve o processamento da interpretação do significado humorístico implícito na piada. O autor afirma que a piada é uma conversa não-espontânea e que existe a possibilidade de manipulação intencional da história por parte de quem a conta, o que produz menos ou mais expectativas em relação ao desfecho por vir. A intenção humorística, que também está relacionada a quem interpreta a piada, integra o significado transmitido verbalmente, e sua interpretação, compreensão e mensuração são funções referentes tanto aos estudos linguísticos como a outras disciplinas das ciências humanas (principalmente aquelas que possuem abordagens cognitivas). Por fim, Santos defende que a intenção do narrador, na piada, necessita comprovar ou negar um conhecimento ou convicção do ouvinte, para que a interpretação do significado possa gerar o riso, quando bem sucedida.

Processos ostensivo-inferenciais em excertos de interpretação da lei Maria da Penha: estudo de caso, de Fábio José Rauen e de Ana Cláudia Souza Ribeiro, propõe uma análise de processos inferenciais em excertos de interpretação da lei 11.340 presentes em um capítulo do livro *Lei Maria da Penha comentada em uma perspectiva jurídico-feminista*, de Carmen Campos. A partir da observação de desacordo quanto à constitucionalidade da referida Lei, desencadeado pelo uso textual dos vocábulos “mulher” e “gênero”, Rauen e Ribeiro analisam uma cadeia interpretativa que assegura o dissenso. Considerando Rauen (2014), defendem que a conclusão do argumento a que as autoras vinculadas a uma interpretação chegam, antecede à formação das premissas, tendo em vista que o raciocínio parte de uma meta, por hipótese: estender o escopo da Lei a relações homoafetivas masculinas. Os autores demonstram, assim, que a conclusão do argumento expresso é conciliada com a meta prevista, envolvendo um percurso inferencial refinado. A análise de Rauen e Ribeiro daria, então, suporte à conclusão de que os processos interpretativos são prevalentemente inferenciais e guiados por uma meta presumida. Por fim, o estudo contribui para a reflexão acerca da Lei Maria da Penha, considerando-se disputas interpretativas, em um cenário social que se beneficia desse debate.

A todos, desejamos uma boa leitura!

Referências

- BALLART, Pere. *Eironeia*. La figuración irónica en el discurso literario moderno. Barcelona: Quaderns Crema, 1991.
- CAMPOS, Carmen (Org.). *Lei Maria da Penha comentada em uma perspectiva jurídico-feminista*. São Paulo: Lumen Juris, 2011.
- CAPPELEN, Herman; LEPORE, Ernie. A Tall Tale: In Defense of Semantic Minimalism and Speech Act Pluralism. In: *Contextualism in Philosophy: Knowledge, Meaning, and Truth*. Edited by Gerhard Preyer and Georg Peter, 197-219. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento; ENDRUWEIT, Magali Lopes. A noção de discurso na teoria enunciativa de Émile Benveniste. *MOARA*, v. 38, p. 196-208, 2012. Disponível em: <www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/viewFile/1280/1698>. Acesso em: 30 abr. 2016.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.
- ORLANDI, Eni P. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: *Anais do 1 Seminário de Estudos em Análise de Discurso*, 2003 nov. 10-13. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2016.
- MIGUENS, Sofia. *Filosofia da linguagem: uma introdução*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.
- RAUEN, Fábio José. For a goal conciliation theory: ante-factual abductive hypotheses and proactive modelling. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 595-615, set./dez. 2014.
- RECANATI, François. *Truth-conditional pragmatics*. New York: Oxford University Press, 2010.
- _____. *Literal Meaning*. New York: Cambridge University Press, 2004.
- _____. The Pragmatics of What Is Said. In: DAVIS, Steven (Ed.). *Pragmatics: a reader*. New York: Oxford University Press, 1991.
- SANTOS, Sebastião Lourenço. *O enigma da piada: convergências teóricas e emergência pragmática*. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2014.
- SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1995 [1st ed. 1986].
- VAN DIJK, Teun. *Discourse and Context: a sociocognitive approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- VAN DIJK, Teun. *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.
- VICENTE, Agustin; MARTÍNEZ-MANRIQUE, Fernando. Semantic Minimalism. In: *Oxford Bibliographies On-Line*, 2010.